

A Cultura do Livro em Israel

Ricardo Benevides¹

Em 1947, o jovem beduíno Muhammad, também conhecido como “o Lobo”, viajava pelo deserto de Negev, na região de Qumran, a pouco mais de um quilômetro da margem noroeste do Mar Morto. Uma de suas ovelhas então se desgarrou do rebanho e entrou numa caverna. O ambiente muito escuro e a dificuldade de localizar o animal levaram Muhammad a ter a ideia de lançar uma pedra para assustar o bicho e fazê-lo voltar para a entrada. Ao atirá-la, ouviu o ruído semelhante ao de um vaso se quebrando. O beduíno viria a descobrir que dentro dele e de outros recipientes semelhantes, guardados ali há séculos, estavam alguns dos pergaminhos mais antigos que se tem notícia na humanidade. Os chamados *Manuscritos do Mar Morto* reúnem livros do Antigo Testamento, textos apócrifos e códigos reveladores dos costumes da tribo Qumran. O episódio tão marcante é contado às crianças de Israel por Spencer Bloch, no livro *The Lost Lamb and the Find of the Century: the discovery of the Dead Sea scrolls* (A Ovelha Perdida e o Achado do Século: a descoberta dos Manuscritos do Mar Morto), com ilustrações de Hayim Roitblat Otsarya (Ed. Intelecty) (Foto 1).

Acredita-se que tenham sido escritos no século II a.C. Hoje, encontram-se guardados numa ala do Museu de Israel, conhecida como o *Santuário do Livro*, em Jerusalém. O nome, certamente, não é algo casual ou ligado apenas à dimensão religiosa dos manuscritos. A ideia que se tem ao visitar o país é de que o livro é mesmo um objeto de adoração, algo que faz parte da cultura, do desenvolvimento e da história de Israel desde muito antes de ser reconhecido como estado pela Organização das Nações Unidas, em 1948. Segundo dados da Biblioteca Nacional israelense, de 2010 para cá, foram lançadas em média 7 mil novas obras por ano naquele país. Numa comparação simples, o Brasil lançou 60 mil novos títulos em 2014 (informações do Sindicato Nacional dos Editores de Livros), porém a população brasileira corresponde a 25 vezes o tamanho da israelense. No ranking de livros publicados *per capita*, da Associação Internacional dos Editores de Livros (IPA), esse resultado colocaria Israel em 13º lugar, logo atrás dos Estados Unidos.

Mas se os números mostram que o volume de obras publicadas é grande naquele país, tão significativa quanto é a presença delas em todo canto. No pavilhão colado ao Muro das Lamentações, por exemplo, se pode encontrar estantes com volumes os mais variados para leitura em diferentes idiomas. Bem verdade que o tema da maioria remete à religiosidade do local. Ainda assim, é perceptível que o ato de ler é corriqueiro ali e em outros pontos, turísticos ou não, da cidade de Jerusalém.

¹ Ricardo Benevides é escritor e professor universitário. Viajou a Israel em julho de 2015 a convite da Associação Aliança Cultural Brasil-Israel.

A realidade da Literatura Infantil e Juvenil no país é bem peculiar. Trata-se de um segmento bastante solidificado do mercado editorial, que viu seu florescer entre as décadas de 1910 e 1920, com as primeiras publicações de Levin Kipnis (Foto 2). Ele foi o pioneiro no gênero, tendo lançado mais de 130 livros para crianças ao longo da vida, até falecer em 1990. Nascido na Polônia, escreveu mais de 600 poemas, canções e histórias infantis, ilustrou e, principalmente, ajudou a compor o imaginário através do qual os jovens leitores puderam compreender o que seria a terra dos judeus.

Não é à toa que a seção israelense do IBBY (International Board of Books for Young People) corresponde ao Levin Kipnis Center for Children's Literature (Centro de Literatura para Crianças Levin Kipnis). Ele foi criado em 1982 quando a família do escritor doou manuscritos, livros e outras de suas obras para a instituição que viria a ser a referência em matéria de pesquisa na área da Literatura Infantil e Juvenil naquele país. Desde então, o Centro tem como objetivos preservar o acervo – que inclui uma gibiteca –, promover a leitura do livro literário e dar suporte à formação de educadores. É representativo o fato do Centro funcionar dentro de uma escola de formação de professores, a Levinsky Teachers' College, situada ao norte da cidade de Tel Aviv.

A importância de Levin Kipnis para a cultura do país no entanto não garante que sua obra permaneça viva nas leituras mais cotidianas das crianças israelenses. Ao menos é o que alerta Yaakova Sacerdoti (Foto 3), chefe do departamento de Literatura para Crianças do Levinsky Teachers' College e correspondente da revista *Bookbird*, do IBBY. Segundo ela, a riqueza na escrita e as variações linguísticas usadas por Kipnis em hebraico acabam exigindo mais dos leitores, algo que pode dificultar a recepção dos estudantes menos dedicados à língua. “De todo jeito, nós temos que lê-lo”, garante a especialista.

Esse não parece ser o único problema enfrentado pelos profissionais que atuam no Centro Levin Kipnis. O acervo de livros no gênero, por exemplo, corresponde a algo em torno de 5 mil obras infantis e outras mil juvenis. O número está bem aquém do que é editado no país. Com o crescimento gradual no volume de edições para crianças e jovens nos últimos cinco anos, elas equivalem a 12% do total das publicações israelenses, mantendo média anual próxima aos 800 títulos.

Há também certo preconceito, por parte das academias que estudam literatura, em relação às criações voltadas aos jovens leitores. Pesquisadora do tema há anos, Yaakova ouviu certa vez que seria um “suicídio acadêmico dedicar-se à investigação de livros para crianças”. Mesmo assim, persistiu na busca por espaço para a literatura infantil: “Fazemos duas conferências por ano em torno dos temas da infância e da juventude. A próxima é sobre bruxas”.

Se algumas universidades ainda torcem o nariz para o livro infantil, o mercado parece não ligar para isso. Em 2014, os livros para crianças e jovens de Israel foram produzidos por 121 editoras, das quais vinte publicaram dez livros ou mais. Em sua maioria, são escritos em hebraico, mas é possível encontrar edições em inglês, árabe e outros poucos idiomas. Um dado curioso sobre o segmento: as mulheres têm escrito e publicado mais que os homens. Em 2013, foram 307 autoras (65%) contra 169 autores (35%). Os temas são os mais variados e parecem não estar muito limitados por moralismos – há obras para crianças sobre pais solteiros e sobre homossexualismo, por exemplo.

O mais importante talvez seja perceber que as questões que envolvem o livro para crianças e jovens em Israel, no Brasil e em outras partes do mundo não são tão distintas assim. Da cultura milenar que preserva os manuscritos mais antigos da humanidade à luta contemporânea pela formação de novos leitores, vê-se que o caso israelense pode colocar em perspectiva outras tantas práticas em torno do livro e da leitura pelo mundo a fora.

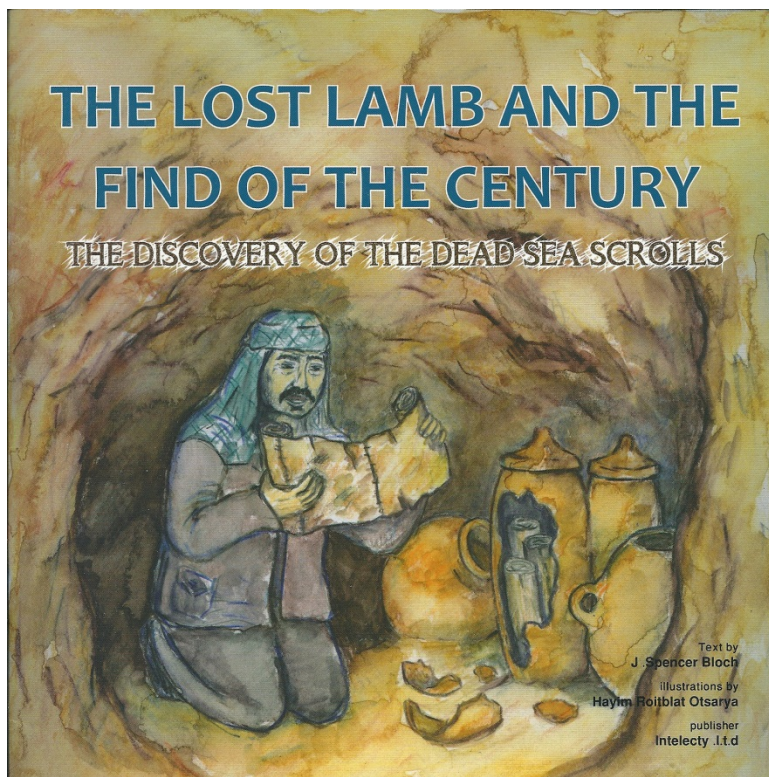


Foto 1 - *The Lost Lamb and the Find of the Century: the discovery of the Dead Sea scrolls*



Foto 2 – Levin Kipnis (Fonte: The Institute for the Translation of Hebrew Literature)

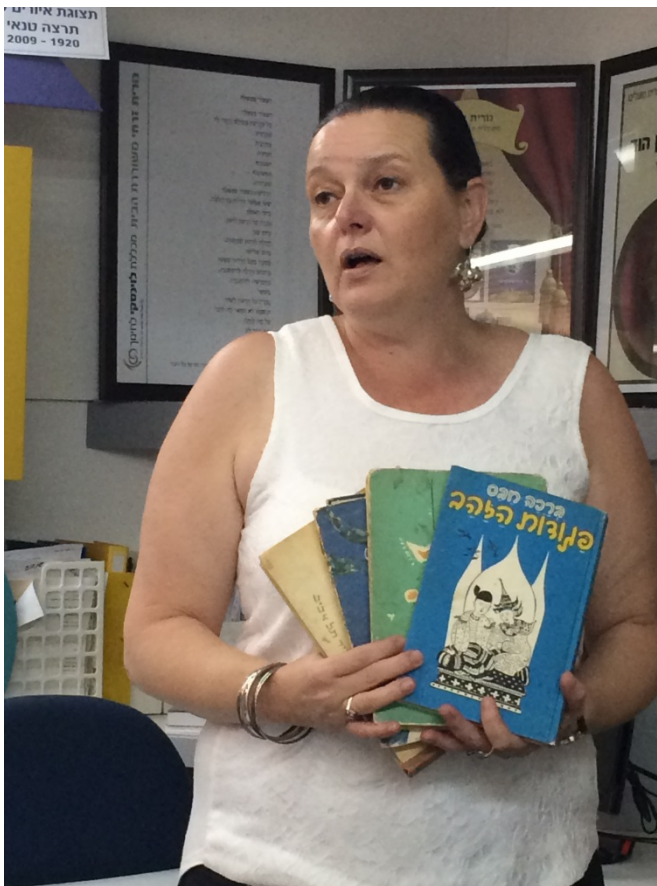


Foto 3 – Yaakova Sacerdoti



Foto 4 – Yaakova Sacerdoti e Ricardo Benevides